ISSN: 2358-8829

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: A VOZ DE UMA PROFESSORA DA ESCOLA VILMA DE NAZARÉ MENDES, NO MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO AJURU-PA

Jarlison Farias Pinheiro [1]
Daniela Duarte Mendes [2]
Edilena Maria Corrêa [3]

Palavras-chave: Educação do Campo; Memória Docente; Invisibilidade Feminina.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo reside na importância de compreender a história da educação do campo e a necessidade de examinar os fatores sociais e políticos que historicamente protagonizaram a invisibilidade feminina docente enfrentada no mercado de trabalho em uma comunidade ribeirinha do Pará, no contexto do Baixo Tocantins.

No referido território, as mulheres enfrentaram, por muito tempo, uma série de preconceitos enraizados pela vigência de um modelo de ensino urbanocêntrico e machista que marginalizava e desvalorizava o gênero feminino na sociedade. Sob a ótica estrutural patriarcal que coloca a figura masculina em posição de superioridade a mulher, a invisibilidade da docente do campo se materializa no silenciamento oral, na ausência de reconhecimento social, no acúmulo de tarefas em casa e nas tomadas de decisão na escola.

O presente estudo realizou-se na Escola Vilma de Nazaré Mendes, situada na Ilha Saracá, no município de Limoeiro do Ajuru - PA, instituição com estrutura física em madeira que oferta o Ensino Fundamental e Médio sob severas carências de infraestrutura. A reconstrução histórica do processo de escolarização em Limoeiro do Ajuru-PA, revela que a atuação docente das mulheres se iniciou em contextos de improvisação, com salas de aula funcionando nas próprias residências das professoras ou em barracões comunitários. Esse movimento histórico de ocupação dos espaços comunitários para alfabetizar crianças e adultos ribeirinhos configurou-se como uma tática fundamental de resistência popular e de afirmação da identidade docente feminina na região.

A justificativa deste estudo pauta-se na urgência de preencher as lacunas historiográficas sobre a trajetória de mulheres no campo, cujos direitos foram marginalizados pela imposição

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal – UFPA-CAMPUS/CAMETÁ – fjarlison909@gmail.com;
[2] Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal – UFPA – CAMPUS-CAMETÁ – danieladuartemendessantos92@gmail.com
[3] Doutora em educação em ciências pela UFPA, professora da UFPA, faculdade de educação do campo – CAMPUS-CAMETÁ - ecorrea@ufpa.br

da lógica urbanocêntrica e ruralista (CALDART, 2002; ARROYO, 2011). Como aponta Marlene Ribeiro (2010), a permanência e a atuação dessas educadoras em barracões e espaços cedidos constituem um ato de resistência contra o apagamento social. Para além de uma atividade profissional, a inserção no magistério representou para ela um recurso crucial de sobrevivência e emancipação.

Ao avançarem do trabalho doméstico não remunerado para o trabalho assalariado, as mulheres conquistaram independência financeira, autoridade discursiva e tomada de decisão, rompendo com a opressão patriarcal e a vulnerabilidade associadas a marcas dolorosas como a violência doméstica (SAFFIOTI, 2015). Desse modo, consolida-se a máxima de que "a transformação do mundo exige a docência como ato de liberdade" (FREIRE, 1996, p. 47), ressaltando que a prática educativa possibilita ao sujeito reconhecer-se como agente de sua própria história.

Somado a isso, o tema ganha relevância ao tratar dos tensionamentos de gênero que constituem a docência no campo como um território vivo de luta, prevendo novas perspectivas de valorização e emancipação moral das mulheres em suas diversas áreas de atuação. Tal contexto aqui tratado culminou na seguinte questão: como as memórias e a trajetória de vida e docência de uma professora da Escola Vilma de Nazaré reconstroem a história da Educação do Campo em Limoeiro do Ajuru-PA e revelam as lutas, os desafios e a resistência da mulher docente?

Para responder a essa questão, objetivo geral do estudo consiste em compreender a história da Educação do Campo no município a partir da narrativa autobiográfica de uma professora da referida escola; e como objetivos específicos, busca-se: a) resgatar a trajetória histórica e profissional da docente, identificando seus marcos de atuação desde o início da carreira nos anos 2000; b) analisar as narrativas de memória evidenciando os saberes cotidianos e a resistência frente ao currículo oficial; e c) discutir os desafios estruturais e sociais da educação pública vividos na Ilha Saracá.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar da educação ser um direito constitucionalmente garantido, a Educação do Campo, ainda enfrenta inúmeros impasses para sua efetiva consolidação enquanto direito integral dos sujeitos. Destaca-se, primordialmente, a imposição de um currículo escolar padronizado e excludente, pensado sob uma ótica estritamente urbana, no qual o campo figura apenas como reprodutor de saberes alheios à sua realidade. Esse modelo, de caráter ruralista, invisibiliza a identidade campesina e perpetua a visão estigmatizada do campo como espaço de

ISSN: 2358-8829

atraso. De acordo com Arroyo (2011), o currículo se constitui como um território em disputa política e cultural; logo, a Educação do Campo surge como proposta contra-hegemônica, indispensável para tensionar essa lógica hegemônica e ressignificar o valor social das populações camponesas.

Assim, embora a escola do campo frequentemente depare-se com uma infraestrutura precária, é imprescindível reconhecer o papel emancipador que ela desempenha ao transformar o território camponês em um espaço vivo de produção de conhecimento. Como defende Caldart (2004), a escola do campo precisa estar enraizada nas dinâmicas socioculturais das comunidades ribeirinhas, articulando a formação humana à valorização de suas práticas culturais, produtivas e identitárias. Sob essa perspectiva, a instituição escolar colabora diretamente para a permanência desses sujeitos em sua terra de origem, evitando a necessidade de migrarem para os centros urbanos em busca de formação continuada. Viabiliza-se, dessa forma, o acesso a uma educação de qualidade que não nega a identidade dos sujeitos, mas a toma como matriz formativa para formar sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a preservação e o desenvolvimento de seu próprio território.

Dessa forma, as memórias da professora configuram-se como uma base científica essencial para se pensar a reconstrução da história de docentes na Educação do Campo, considerando que as mulheres desempenham um papel árduo no fortalecimento das identidades territoriais. O contato com as narrativas orais possibilita não apenas reviver lembranças marcadas por lutas históricas por reconhecimento, mas também valorizar o trabalho ativo realizado no presente por essas educadoras. Afinal, como pontua Bosi (1994), lembrar não é apenas reviver o passado de forma estática, mas refazer, repensar e reconstruir as experiências à luz do presente. Assim, ao ser relatada, a trajetória da professora ressignifica sua própria memória individual e profissional, conectando-a à memória social e coletiva de toda a comunidade local.

A experiência formativa trazida pela professora a partir de sua trajetória profissional evidencia seu comprometimento com a educação local, haja vista que sua constituição docente foi marcada por processos de invisibilidade, tanto nas tomadas de decisão quanto frente às práticas sociais do contexto local. Ao relatar sua própria história, a educadora reconstrói suas vivências e reflete sobre seu papel pedagógico. Como destaca Nóvoa (1992), a formação de professores não se constrói por acumulação, mas sim por meio de um trabalho reflexivo e crítico sobre as próprias práticas e sobre a reconstrução permanente da identidade pessoal e profissional. Nesse cenário, o trabalho com as fontes orais não se limitou a uma simples

ISSN: 2358-8829

dinâmica de perguntas e respostas, mas partiu de um diálogo sensível e ético, possibilitando um momento interativo e colaborativo entre pesquisador e colaboradora da pesquisa.

Nessa perspectiva, a atuação docente exercida pela educadora consolidou-se a partir dos anos 2000, momento em que o ingresso no magistério viabilizou o rompimento com uma invisibilidade historicamente imposta. Essa transição reconfigurou o papel social da professora do campo, permitindo a superação do trabalho doméstico não remunerado rumo à atividade assalariada, movimento que desafia a lógica patriarcal de subordinação feminina e encontra respaldo nas reflexões de Heleieth Saffioti (2004) sobre as relações entre gênero, trabalho e emancipação. Embora esse processo tenha enfrentado resistências no interior da própria comunidade, a docência assegurou a permanência da professora no campo, aliada à conquista da autonomia econômica, do reconhecimento social e do protagonismo nos processos de tomada de decisão.

Historicamente, a inserção dessa mulher no magistério configurou-se como um decisivo mecanismo de proteção social e de resgate da autoestima feminina, contrapondo-se a décadas de submissão a regimes de trabalho marcados pela violência doméstica, pela vulnerabilidade e pelo silenciamento patriarcal. Essa transição do isolamento doméstico para a esfera do trabalho formal dialoga com as formulações de Ricardo Antunes (2018). A cerca da centralidade do trabalho na emancipação do sujeito, demonstrando que a docência opera como um contraponto à opressão estrutural, ao mesmo tempo em que se alinha à perspectiva de Ciro Gomes (2020) sobre a necessidade de valorizar as políticas educacionais e o corpo docente como motores fundamentais de superação das desigualdades socioeconômicas e de garantia da cidadania. Dessa forma, o exercício profissional no tempo presente retira essa professora do lugar de passividade em que apenas ouvia calada, rompendo a submissão conjugal e consolidando sua autoridade moral e discursiva frente ao protagonismo masculino que ainda resiste na sociedade brasileira.

Diante dessa realidade, parte-se do pressuposto de que a docente, ao longo do tempo, conquistou o espaço que legitimamente lhe pertence por direito. Para Paulo Freire (1996), o ato de ensinar demonstra que o território ocupado pela prática educativa assume um papel primordial na libertação das vozes historicamente silenciadas no Brasil, permitindo que a própria professora se reconheça e se constitua como agente ativa de transformação social, capaz de intervir conscientemente em sua própria história e na realidade de sua comunidade. Em suma, a docência consolida-se não apenas como um campo de trabalho formal, mas como um ato político de emancipação coletiva e de reinvenção do território camponês.

ISSN: 2358-8829

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Vilma de Nazaré Mendes, situada na Ilha Saracá, no município de Limoeiro do Ajuru - PA. A instituição é composta por sete salas de aula, refeitório, sala da direção e é construída em madeira, evidenciando uma grande demanda decorrente da carência de infraestrutura local, ao mesmo tempo em que oferta o Ensino Fundamental nos turnos da manhã e da tarde, além do Ensino Médio. Nesse cenário, para além da trajetória escolar, este estudo busca compreender as dinâmicas socioculturais da comunidade, revelando que a escola é atravessada por disputas políticas e pedagógicas que, frequentemente, acabam por negar os saberes e as práticas dos estudantes vinculados ao território.

O encaminhamento metodológico desta pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa que, segundo Oliveira (2012), "busca compreender os fenômenos em seu contexto natural, enfatizando a interpretação dos significados e a complexidade das interações sociais", considerando o meio social e humano na perspectiva de construir uma sociedade mais justa e igualitária (BOGDAN; BIKLEN, 1994). No que tange à Escola Vilma de Nazaré, o estudo trata-se de uma investigação por meio de uma pesquisa narrativa, buscando resgatar, por meio dos relatos de uma professora, maior profundidade acerca de sua história oral e de vida (MEIHY; HOLANDA, 2007). Essa prática possibilita revisitar o passado mediante a vivência atual, compreendendo que as memórias narradas deixaram marcas que ainda perduram nos dias atuais (BOSI, 2004).

Para fazer o embasamento teórico, este estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008, p. 50), "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". No caso deste trabalho, teve-se como fundamento os estudos que discutem a Educação do Campo, como: Arroyo (2004), Caldart (2004), Bosi (1994) e Freire (1996). Esses aportes teóricos foram fundamentais, trazendo subsídios indispensáveis para a produção do roteiro de entrevista para, posteriormente, organizar e analisar as narrativas coletadas.

Desse modo, a memória da professora, marcada por sua trajetória docente na escola do campo com início nos anos 2000, revela uma profunda relevância histórica para compreender a realidade educacional local. Para fazer a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada de cunho narrativo, sendo direcionada por um roteiro flexível e dialógico (RIZZINI; CASTRO; SARTOR, 1999). A entrevista possibilitou compreender, através de sua história de vida, como se deu seu processo de formação docente, bem como os desafios encontrados, trazendo relatos significativos que permitiram o desenvolvimento do estudo,

ISSN: 2358-8829

considerando que a relação sensível e ética entre pesquisadores e pesquisados é fundamental para o compartilhamento de memórias (PORTELLI, 2016).

Em atenção aos preceitos éticos que regem as pesquisas com seres humanos, antes da realização da pesquisa, a professora participante foi devidamente esclarecida sobre o estudo, concordando em participar por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O documento formalizou seu acordo com o uso de suas narrativas orais para posterior transcrição e fins de pesquisa acadêmica, garantindo-se o total sigilo de sua identidade. Para a realização da entrevista, utilizou-se o gravador de áudio de um smartphone, cujos dados foram analisados e sistematizados sob os princípios da Educação do Campo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta subseção, apresentamos os principais achados durante a realização da pesquisa, analisando-os através das narrativas orais da professora da Escola Vilma de Nazaré Mendes, localizada na Ilha Saracá, em Limoeiro do Ajuru-PA. O diálogo está intimamente ligado à sua trajetória docente, a qual foi marcada pela negligência e exploração impostas pelo patriarcado, de modo que os resultados obtidos buscam resgatar esses dados de forma sistemática e analítica na produção textual. Dessa forma, os alcances dos achados possibilitaram compreender, por meio da categorização das formas de tensionamento, a invisibilidade revelada em sua história oral, além das práticas de exclusão vivenciadas durante sua atuação na docência e na escola.

Ressalta-se que as narrativas orais não possibilitam compreender somente os registros dos fatos, mas também as práticas de exclusão que lhes foram impostas pelo patriarcado, configurando-se, ainda, como uma forma de reconstrução histórica do trabalho docente e de fortalecimento da trajetória educação do campo.

4.1 O Chão da Escola de Madeira na Ilha Saracá: Desafios Estruturais e Cotidiano Pedagógico.

Ao adentrar o chão da escola Vilma de Nazaré Mendes, percebe-se que a infraestrutura da escola, sendo constituída por madeira, apresenta uma temperatura muito elevada de calor, o que dificulta o processo formativo dos alunos. Desse modo, a prática docente precisa ser inovadora e buscar a participação ativa dos alunos, enfrentando os desafios materiais da realidade ribeirinha que, conforme analisa Salomão Hage (2020), revelam como as precariedades estruturais das escolas das ilhas impõem limites severos ao trabalho pedagógico cotidiano. No relato a seguir da professora, ela enfatiza que tenta desenvolver metodologias ativas que busquem a participação dos alunos, mas sente muita dificuldade frente à falta de apoio da SEMED do município.

ISSN: 2358-8829

> Bom aqui nós tenta relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos, mas a gente enfrenta dificuldade devido à falta de estrutura da nossa escola. Claro que ela tem sim suas vantagens, digamos assim, mas não tem estrutra. Precisamos de muitas coisas para que a gente possa oferecer para os alunos uma escola comprometida e alinhada segundo a necessidade que eles possuem para um processo de ensino-aprendizegem que venham atendê-los. Além disso, a gente enfrenta muita dificuldade para acesso a recursos pedagógicos da secretaria de educação a SEMED e isso causa indignação em nós que trabalhamos e queremos sempre proporcionar o melhor para os alunos, mas não temos esse acesso (Professora Maria, 2026, relato oral).

Segundo a narrativa da professora ainda é permanente um quadro histórico de precarização institucional que marcam a escola Vilma de Nazaré. Como aponta Salomão Hage (2005; 2020), as escolas ribeirinhas construídas em madeira frequentemente enfrentam a ausência de infraestrutura adequada e de insumos básicos, impondo ao professor uma sobrecarga de trabalho e a necessidade de atuar como gestor e agente polivalente de sua própria prática. No entanto, ao invés de conformar com a ausência dos órgãos governamentais a docente opera o pensamento em que Paulo Freire (1996) denomina de saberes da autonomia, criando alternativas diárias para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça a despeito das fragilidades materiais do território. Dessa forma, o material disponibilizado pela SEMED não condiz com a realidade do campo.

> Os materiais didáticos disponibilizados pela gestão municipal, segundo a educadora há uma desconexão dos conteúdos curriculares com a realidade dos estudantes “a Secretaria sempre manda livros da realidade urbana, com coisas que os alunos daqui não vivem; então a gente é obrigada a ir fazendo adaptações com as coisas do rio, com a época do açaí e da pesca para que eles consigam entender" (PROFESSORA MARIA, 2026, relato oral)

No depoimento da professora Maria percebe-se uma contradição frente a um paradigma tradicional de educação, e as dinâmicas culturais do território ribeirinho. Como aponta Miguel Arroyo (2004; 2011), as matrizes curriculares tradicionais e as exigências padronizadas impostas às escolas do campo tendem a deslegitimar os saberes locais.

Para Caldart (2004, p. 2009), o currículo constitui-se como um “território em disputa”, nesse sentido, entende-se que o fazer pedagógico da educadora atuando como mediadora do processo formativo através de aulas a partir da realidade dos estudantes, reafirma o seu comprometimento com uma Educação do Campo libertadora, transformando o espaço ambiente escolar em um local de valorização da identidade e dos conhecimentos dos sujeitos vinculados a natureza local. Dessa forma, a professora traz relatos da fundamental importância que foi sua atuação na docência na escola.

> Para mim ser professora na Ilha Saracá foi uma benção e uma oportunidade de mudar de vida. Na minha juventude quando comecei a atuar como professora a vida das mulheres na comunidade era muito dura, sem tempo para estudar por estarem presas em casa realizando suas tarefas, estando sob imposição do grupo familiar. Quase eu conseguir minha formação e entrar no magistério nos anos 2000, passei a ter meu próprio sustento, onde passei a ser respeitada pelos olhares da comunidade e assim

> venho no período de mais de duas décadas ajudando a formar pessoas a partir do convívio deles e assim a escola foi o caminho para que eu me tornasse uma mulher independente (PROFESSORA MARIA, 2026, relato oral).

Nesse contexto, a história de vida demonstra que sua inserção no magistério vai além da sua qualificação, se configurando como uma forma de emancipação, pessoal, social e política. Esse relato dialoga com as reflexões de Maria da Silva Araújo (2014), em que a docência entre as mulheres ribeirinhas da Amazônia assume o caráter de um recurso crucial de sobrevida e de elevação moral frente a contextos históricos de extrema exclusão e opressão patriarcal. Ao conquistar a autonomia frente a uma sociedade marcadas por desigualdades sociais e reconhecimento dos membros da comunidade através da instituição de ensino, sua trajetória na docência se entrelaça com os estudos de Elizeu Clementino de Souza (2006) e António Nóvoa (1992) definem como o processo de auto formação, em que a reconstrução da memória e da identidade profissional atua como um ato político de libertação e de projeção de novos horizontes no campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou fazer o resgate por meio da história de uma professora da escola Vilma de Nazaré Mendes, no Município de Limoeiro do Ajuru- PA. A trajetória da docente permite refletir o paradigma de educação conquistado por ela durante sua atuação como educadora da escola Vilma de Nazaré foi marcada por uma forma de resistência pessoal e profissional, permitindo reconstruir o reconhecimento do trabalho árduo desenvolvido por mulheres em toda a sociedade, considerando que as práticas de invisibilização se dão nas esferas sociais e culturais

Além disso, percebe-se alguns impasses para o exercicios pleno das escolas do direito ao acesso que una educação de qualidade seja no diz às condições estruturais físicas como também os recursos disponibilizados que não atendem as necessidades dos estudantes, mas a educadora por meio de suas práticas educativas consegue relacionar o conteúdo curricular com a realidade dos sujeitos. A atuação docente enfrenta e resiste a mera reprodução de um curriculo e escola urbanocentrica e patriarcal , onde ela utilizou táticas de adaptações dos livros didáticos ao ritmo dos rios e do ciclo das marés. Ademais, seu ingresso no magistério possibilitou como uma forma se sobrevivencia material, independência financeira, conquistando autonomia frente ao patriarcal e a falta de reconhecimento da mulher na comunidades local.

Através das narrativas e história oral, da professora este estudo possibilitou análises e reflexões ao fazer o resgate da educadora, reconstruindo lacunas que por meio da fala dos

marcos legais sobre a importância da educação voltada exclusivamente para área ribeirinha. Nesse sentido, ações se fazem necessárias frente ao impasse enfrentado pela professora, cabendo ao estado propor aos docentes formação contínua como o PROCAMPO E PARFOR e instituições de ensino que seja adequada a necessidade dos sujeitos. Com isso, esperamos que esse estudo sirva de base para outras pesquisas que evidencie o papel central das mulheres na construção de uma sociedade mais justa voltada aos povos do campo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Maria da Silva. **Histórias de vida e formação de professoras ribeirinhas na Amazônia.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Currículo, território em disputa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território com que acontecemos:** políticas de conhecimento e emancipação. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (Reimpressão / Edição 2004).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa.** Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento.** Petrópolis: Vozes, 2004. p. 87-131.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre a especificidade da Educação do Campo**. In: CALDART, Roseli Salete (org.). Saberes da Terra. Brasília: MDA/MEC, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Ciro. **Projeto nacional:** o dever da esperança. São Paulo: LeYa, 2020.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Transgressão e reinvenção da escola comunitária ribeirinha na Amazônia.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2005.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Educação do campo e as águas da Amazônia:** políticas públicas, trabalho docente e infraestrutura escolar. Belém: Editora Açaí, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Marlene. **Educação do campo:** projetos em disputa. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 111, p. 387-405, 2010.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Maria Helena B. V. de; SARTOR, Carla D. **Pesquisando guia de metodologias de pesquisa para programas sociais**. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 / 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.